

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE MEDICINA
CURSO DE PSICOLOGIA



Trabalho de Conclusão de Curso

Freud, Dostoiévski e o Inconsciente

Alexandre Ferreira de Moraes

Pelotas, 2019

Alexandre Ferreira de Moraes

Trabalho de Conclusão de Curso

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Orientadora: Prof^a Dra Giovana Lucznski

Co-orientadora: Prof^a. Dra Károl Veiga Cabral

Pelotas, 2019

Alexandre Ferreira de Moraes

Freud, Dostoiévski e o Inconsciente

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado na Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia

Pelotas, 16 de Julho de 2019

Giovana Lucznski

Orientadora

Károl Veiga Cabral

Co-orientadora

Karine Szuchman

Membro

“Não existe ninguém tão grande para quem seja uma desonra estar sujeito às leis que regem com igual rigor a atividade normal e a atividade patológica.”

FREUD “Leonardo da Vinci, e uma lembrança de sua infância”

Resumo

MORAES, Alexandre Ferreira de. **Freud, Dostoiévski e o Inconsciente**. Universidade Federal de Pelotas, 2019.

O presente trabalho tem como objetivo traçar relações entre o conceito de inconsciente desenvolvido por Sigmund Freud (1856-1939) e o livro *Memórias do Subsolo*, de Fiodor Dostoiévski (1821-1881). Para isso, apresenta o conceito de inconsciente, como Freud o desenvolveu pois, para a psicanálise, este rege o ser humano. Torna-se importante, então, estudar as formas que ele usa para se comunicar: atos falhos, sintomas, sonhos e chistes. Após o conceito de inconsciente ser apresentando, o trabalho pretende elucidar o contexto do livro *Memórias do Subsolo* (1864/2017), o papel do estado na época da publicação dessa obra, os mujiques e sua relação com Dostoiévski, bem como a representação organizada pelo estado a ideias novas. O livro *Memórias do Subsolo*, traz muitas passagens, onde podem ser reconhecidos conteúdos que Freud posteriormente iria caracterizar como algo oriundo do inconsciente. Portanto, o trabalho vai ter um olhar psicanalítico sobre essa obra, pontuando essas passagens no decorrer do livro, principalmente na primeira parte, no capítulo: O Subsolo. É importante estudar as culturas nas quais os autores estavam inseridos e desenvolveram suas criações. Para isso, é necessário retornar à Rússia pré-revolução russa, quando os Czares ainda comandavam com mãos de ferro e o estado reprimia ideias avançadas, pois foi nesse contexto cultural que Dostoiévski cresceu, viveu e escreveu seus livros. Também é necessário retornarmos a uma Viena antissemita, em uma época onde a necessidade de fazer as teorias virarem ciência predominavam, principalmente se essas teorias fossem oriundas de um judeu. Foi nesse cenário que Freud viveu e criou o conceito que viria a chamar de inconsciente. Essas discussões acontecem no diálogo entre teoria e literatura, aproximando o conceito desenvolvido por Freud com o livro escrito por Dostoiévski. Percebe-se que ambos os campos se complementam, pois a leitura de *Memórias do Subsolo* tem muito do que viria a ser o inconsciente para a psicanálise, e o que é o inconsciente, traz muito do que Dostoiévski

escreveu, antes mesmo desse conceito ser conhecido e estruturado como é hoje.

Palavras-chave: Inconsciente, Psicanálise, Literatura, Dostoiévski

Abstract

Moraes, Alexandre Ferreira de. **Freud, Dostoiévski and the unconscious.**
Federal University of Pelotas. 2019.

The present work aims to trace the relation between the concept of the unconscious developed by Sigmund Freud (1856-1939) and the book *Memories of the Underground* by Fiódor Dostoiévski (1821-1881). Thereunto, it presents the concept of the unconscious, as Freud developed it, because for psychoanalysis, this commands on the human being. It becomes important, then, to study the ways he uses to communicate: faulty acts, symptoms, dreams and jokes. After the concept of the unconscious is presenting the work aims to elucidate the context of the book *Notes from Underground* (1864/2017), the state's role in the time of publication of this work, the peasants and their relation to Dostoiévski, and the repression organized by the state to with new ideas. The book *Memories of the Underground*, brings many passages, where can be recognized contents that Freud later would characterize as something arising from the unconscious. Therefore, the work will have a psychoanalytic look on this work, punctuating these passages throughout the book, especially in the first part, in the chapter: *The Underground*. It is important to study the cultures in which the authors were inserted and had developed their creations. Therefore, it is necessary to return to the Russia before revolution Russian, when the Czars still ruled with an iron hand and advanced ideas were repressed by the state, because it was in this cultural context that Dostoiévski grew up, lived and wrote his books. It is also necessary to return to an anti-Semitic Vienna, at a time when the need to make theories become into science were predominated, mainly if these theories came from a Jew. It was in this scenario that Freud lived and created the concept he would named the unconscious. These discussions take place in the dialogue between theory and literature, approaching the concept developed by Freud with the book written by Dostoiévski. It is noticed that both fields complement each other, because the reading about *Notes from Underground* has a lot of what would be the

unconscious to psychoanalysis, and what is the unconscious, it brings much of what Dostoevsky wrote, even before this concept being known and be structured as it is today.

Keywords: Unconscious, Psychoanalysis, Literature, Dostoiévski

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
PARTE I - O conceito de inconsciente na obra de Freud.....	13
PARTE II – Dostoiévski e o Inconsciente.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFÊRENCIAS.....	38

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende apresentar o conceito do inconsciente por Sigmund Freud(1856-1939) desenvolvido. Vai focar em que cultura ele surgiu, o que se entendia como inconsciente até então, a forma como Freud o caracterizou e as formas de acessar o mesmo. O trabalho tem como objetivo, após apresentar o conceito de inconsciente, fazer um paralelo com a narrativa de Dostoiévski (1821-1881), e principalmente com o livro *Memórias do Subsolo* (1864/2017) e seu personagem principal. Pretende apresentar como era a cultura vigente na Rússia quando Dostoiévski escreveu seus livros, e o que levou o autor a inspirar tantos filósofos da época, entre eles o próprio Freud. O personagem principal do livro investe contra a própria consciência durante toda a trama e segundo Frank (2018), isso instigou Freud que estudou não só essa obra de Dostoiévski, como outras obras do mesmo autor.

Para a psicanálise o inconsciente é algo que todo ser humano possui, sendo abstrato, porém fortemente presente, constituindo em um reservatório que não possui apenas pensamentos, mas sentimentos. Os pensamentos quando liberados não são oriundos do nada, na maioria esmagadora das vezes eles sempre estiveram ali, quando pronunciados são apenas liberados. Nietzsche (apud, BORIS SCHNAIDERMAN, 2019) já nos ensinou que nossos pensamentos são a sombra dos nossos sentimentos, porém de forma mais trivial.

A literatura de Dostoiévski é escrita antes da Revolução Russa e *Memórias do Subsolo* é apresentada ao mundo quando o imperador da Rússia é Alexandre II, quando os servos tinham sido emancipados há poucos anos em seu país. A Rússia vivia um momento onde ideias ainda eram abafadas pela mão do Estado, foi nesse cenário que nasce o livro onde Freud também se inspirou para desenvolver o conceito de inconsciente.

Este trabalho tem como objetivo fazer um paralelo entre a teoria do inconsciente e a vivência do personagem de *Memórias do Subsolo* (1864/2017). Porém, essa linha não pode ser caracterizada nem como ficção, nem como

ensaio, essa linha vai emergir de um estudo bibliográfico, vai aflorar de leituras e estudos sobre esses assuntos, bem como a literatura. Como graduando em psicologia, esse trabalho vai ajudar a libertar pensamentos que não estavam claros na minha mente, e poderá levar a emergir algo recalcado no meu inconsciente durante as escritas e reflexões. Mas afinal, libertar-se é não envergonhar-se diante de si próprio. “A voz do sangue (como denominá-lo de outro modo?) fez-se ouvir de imediato e minha alegria não teve limites”. Esta frase é de Friedrich Nietzsche (1844-1900), referindo-se ao livro *Memórias do Subsolo*, citada por Boris Schnaiderman (2019).

Este trabalho torna-se possível porque a literatura abre horizontes, ideias novas afloram e acabam por aprimorar o pensamento científico. Portanto, é possível fazer essa ligação entre a cultura que a Rússia estava inserida, cultura essa que Dostoievski viveu e na qual escreveu o livro *Memórias do Subsolo*, com a cultura que o psicanalista Freud viveu, e na qual estudou e retomou o significativo inconsciente, mas transformando-o em um conceito basilar de sua teoria. Para Freud (ROUDINESCO e PLON, 1998) o inconsciente é uma instância a qual a consciência já não tem acesso, mas que se revela pelos sonhos, chistes, atos falhos, esquecimentos, jogos de palavras, etc. Este Conceito abalou o mundo com a descoberta do aparelho psíquico que nos acompanha diariamente, mas que não é acessível de um modo fácil e direto. Freud observou, inclusive em si mesmo, aquilo que tropeça, que escapa, falha em todo mundo, quebrando de maneira não compreensível a continuidade da lógica do pensamento e dos comportamentos da vida cotidiana, incluindo aqui os sintomas compulsivos dos neuróticos que ele passa a atender na clínica com a histeria. Como viria a dizer posteriormente Freud, o Eu não é senhor em sua casa. Ou seja, não é a consciência e sim o inconsciente quem dá as cartas. Desta forma podemos dizer que o inconsciente não pode ser dominado pelo pensamento consciente.

O presente trabalho tem a intenção de fazer essa ligação entre o conceito e a literatura, tendo como objetivo conhecer o que era entendido como inconsciente até o momento que Freud popularizou essa palavra, observando em que cultura Freud estava inserido quando o cunhou. Isso vai ajudar a quem

optar por ler este escrito, a entender um pouco mais os motivos e circunstâncias que fizeram com que Freud desenvolvesse esse conceito, gerando um abalo na cultura de seu tempo, e que ainda perdura entre algumas pessoas nos dias de hoje.

Busco compreender como o personagem de *Memórias do Subsolo* já mostrava características, que mais tarde Freud vai denominar como o conceito de inconsciente. E também compreender a cultura que Freud e Dostoiévski estavam inseridos, e o quanto isso os influenciou em suas criações, possibilitando a escrita de suas obras. Para tanto, se faz necessário aprofundar o entendimento do conceito de inconsciente na obra freudiana. Faz-se necessário também reconstruir o pano de fundo cultural da Rússia, os conceitos e pensamentos da época que influenciaram Dostoiévski, e o quanto o livro *Memórias do Subsolo* já traz traços do que depois Freud denominou como inconsciente. Para então, fazer um paralelo entre os dois autores com base no conceito de inconsciente.

A metodologia do presente trabalho começou com a ideia de ser baseado no método de revisão bibliográfica, porém com o aprofundamento das leituras chegou-se a conclusão que o trabalho não vai se limitar a uma revisão bibliográfica. A proposta é fazer uma triangulação entre a teoria freudiana com a literatura de Dostoiévski. Tomarei o conceito de inconsciente com o pano de fundo cultural de Freud, e retornando no tempo, entender o período no qual Dostoiévski escreveu suas criações, em uma Rússia pré-revolução comunista.

Neste escrito busco relacionar literatura e psicanálise. É importante ressaltar que esta união não é nova e é possível encontrar vários escritos semelhantes que fazem esse tipo de articulação. (THALLIANE PEREIRA e ÉLCIO LUÍS ROEFERO, 2010). O próprio Freud se utilizou muito do recurso estético da arte, em especial da literatura, para inspiração em seu trabalho, como podemos identificar em sua obra que buscou corresponder aos anseios científicos de sua época e a construção de uma escrita poética. Ele era um leitor voraz, e de tal forma comprometido com o que lia que, aos 12 anos de idade montou um grupo de espanhol para ler Cervantes, neste caso o livro de Dom Quixote

de La Mancha (1605) no original. Desta forma busco inspiração em Freud para construir minha metodologia de pesquisa e mergulhar em sua obra.

PARTE I

O conceito de inconsciente na obra de Freud

O inconsciente pode vir a gerar um grande sofrimento para as pessoas. Dostoiévski (1821-1881) já dizia que o sofrimento sempre acompanha uma inteligência elevada e um coração profundo. Desse modo é possível imaginarmos que ao sofrermos, geralmente sabemos o motivo, mas esse motivo pode estar recalcado no inconsciente. Elizabeth Roudinesco (2016) conta em seu livro *Sigmund Freud: na sua época e em nosso tempo*, que o avanço da burguesia industrial mostra as nações como hierarquizadas, cada uma correspondendo a soma de seus particularismos. Isso queria dizer que o homem só existia de verdade quando era vinculado a um território, a um estado-nação. Portanto, o sujeito deveria ser francês, inglês, italiano ou de qualquer outro território, para ser considerado como alguém pertencente a um grupo. Devemos levar em conta que Freud era judeu, embora não praticante assíduo das práticas judaicas, ele carregava em si essa origem. A Viena do século XIX enxergava os judeus como uma raça que andava em busca de uma nação e foi nesse contexto histórico e cultural que Sigmund Freud foi educado. Portanto, podemos deduzir que Freud, não tinha território fixo, e, neste caso, não tinha nação. Os fundamentos que Freud conhecia como modelo familiar eram baseados na autoridade do marido, a subordinação das mulheres e a dependência dos filhos. Isso já mostra uma parte bastante significativa do conteúdo que poderia vir a ser recalcado no inconsciente e que Freud iria perceber tempos depois, quando empreende-se sua autoanálise.

No momento em que Freud se prepara para entrar na faculdade, eclode uma grave crise financeira junto com uma epidemia de cólera que acaba por provocar inúmeras falências e mortes que se estendem por toda a Europa. Os

judeus mais uma vez foram acusados, desta vez, de serem os que desestabilizaram o mercado econômico. Viena, nessa época, é o refúgio de inúmeros judeus, entre eles a família de Sigmund Freud. O termo antissemita, que vai acompanhar Freud vida afora, foi criado na Alemanha em 1860 por um judeu da Boêmia, como um termo mais elitista de um preconceito contra os judeus. (ROUDINESNO e PLON, 1998).

O conceito de inconsciente foi desenvolvido por Freud na Viena antissemita, cidade pela qual tinha profunda aversão, como relatado a Ernest Jones(1879-1958), a quem disse que em 50 anos morando ali nunca encontrou uma ideia nova (ROUDINESNO e PLON, 1998). Neste pano de fundo em que o jovem Freud cresceu, estudou, se casou constituindo uma grande família, se graduou em medicina e iniciou seu percurso como médico em um hospital geral sobre o comando de Theodor Hermann Meynert(1833-1891). Ali Freud foi desenvolvendo os conceitos basilares que lhe permitiram apresentar ao mundo a teoria psicanalítica. Freud escreveu uma vasta obra, definindo conceitos fundamentais para a estruturação da teoria psicanalítica, que sai da atmosfera vienense para ganhar o mundo, influenciando muitas gerações de analistas e inclusive saindo do restrito âmbito da clínica para se popularizar no amplo tecido social. (ROUDINESCO e PLON, 1998)

Elizabeth Roudinesco e Michel Plon (1998), relatam que a primeira vez que o termo inconsciente surge foi em língua inglesa, pelo jurista escocês Henry Home Kames (1696-1782). Posteriormente, a Alemanha importa essa denominação e a usa como fonte de paixões, imagens e sentimentos que não são acessíveis a consciência. Em 1860 o escritor suíço Henry Amiel (1821-1881) o introduz na França com a publicação desse termo no *dictionnaire de l'Académie Française* em 1878. Pode-se perceber que o termo inconsciente, anterior a Freud, não tenha a relevância que adquiriu posteriormente no campo da subjetividade. Não era algo que concretizada e mostrava que existia no sujeito um sistema psíquico distinto dos demais e dotado de atividade própria.

Portanto, podemos perceber historicamente que essa palavra não foi inventada ou definida por Freud, mas foi ele que aprimorou essa definição e

tornou-a um dos seus principais conceitos. Resignificando a mesma e tornando-a um dos pilares da sua teoria que é a psicanálise, o inconsciente deixou de ser algo ligado à consciência, situado acima ou abaixo dela, mas tomou vida própria. Inconsciente, para Roudinesco(2016), segundo Freud é ao mesmo tempo interno ao sujeito e externo a qualquer forma de dominação pelo pensamento consciente.

Freud (2017) utilizou conhecimentos e teorias de Jean Martin Charcot (1825-1893), Hippolyte (1828-1893) e Josef Breuer (1842-1925) para auxiliá-lo a desenvolver o conceito de inconsciente com base na interpretação dos sonhos. O aparecimento desse conceito fica concreto na carta de 6 de dezembro de 1896 endereçada a Wilhelm Fliess(1858-1928). Conforme Garcia-Rosa (2009), para Freud o inconsciente não é algo do subsolo da mente, e nem o psicanalista vai se transformar num minerador da mente, como se o inconsciente fosse algo que não se mostrasse. Muito pelo contrário, ele se mostra com uma tremenda força, porém de um modo que não é acessível a olho nu. O que Freud (2016) vem a descobrir em seu percurso da invenção da psicanálise é que é possível escutá-lo. Aprende isso na escuta das histéricas que lhe convocam a calar para escutar.

Peter Gay (2012) diz que Freud tornou o dom de ouvir o outro em método, e que aí estava o acesso que ele precisava para descortinar seus pacientes. Foi a baronesa Fanny Moser, uma viúva de meia-idade que Freud atendia entre 1889 e 1890, que o fez abandonar as suas técnicas anteriores e criar a técnica de associação livre, pois a baronesa Fanny mostrou a Freud que interromper um paciente em determinadas situações é maléfico para o êxito do tratamento, afinal como já foi escrito, a associação livre é direcionada pelo próprio conteúdo inconsciente do sujeito.

O inconsciente é algo desconhecido para nós, embora seja possível perceber quando ele está “gritando”, mas ele sempre vem transfigurado, nunca vem exatamente como ele é, sempre são manifestações deturpadas, até pelo motivo que ele está sempre se reinventando, o que não o torna algo fixo.

O inconsciente contém, segundo Freud (2017), todos os impulsos, desejos ou instintos do sujeito que estão além da consciência, mas que, no entanto, motivam a maioria de nossos sentimentos, ações e palavras. Assim, ainda que estejamos conscientes de nossos comportamentos explícitos, na maioria das vezes, não estamos conscientes dos processos mentais que estão por trás deles.

Vale ressaltar que o inconsciente é atemporal, ou seja, ele reaparece e não define nunca, ele é um processo ativo e inesgotável em suas produções. Tanto faz para o inconsciente se o sujeito tem 20 anos ou 80, ele vai agir da mesma forma, e sempre vai conseguir se fazer ouvir pelo sujeito. O inconsciente é o lugar da vontade bruta, não lapidada por outros fatores, por isso Jacques Lacan(1901-1981) declara que “o inconsciente de Freud não é de modo algum o inconsciente romântico da criação imaginante. Não é o lugar das divindades da noite” (GARCIA-ROSA, 2009, pag.170)

O inconsciente para Násio (1999) se apresenta para nós através de atos falhos, chistes, sintomas e sonhos. Porém, pode aparecer como, por exemplo, um poema que emerge de dentro de nós, pode ser uma ideia que parece ter surgido do nada, ou um pensamento que brota na nossa cabeça, ou também como alguma manifestação patológica que causa sofrimento. Tudo isso acontece inesperadamente e involuntariamente, transcendendo nossas intenções e nosso saber consciente. Vale ressaltar que o esquecimento, o vazio, pode ser uma manifestação do inconsciente.

Quando aparece algo oriundo do inconsciente significa que, de alguma maneira, o mesmo conseguiu burlar o filtro criado para se proteger. Chamamos essas manifestações mascaradas retorno do recalcado, produtos do recalcado ou produtos do inconsciente. Acredito que produtos do inconsciente seja a forma mais didática de explicar isso, pelo fato de que são chamado de produtos as manifestações recalçadas que aparecem deformadas à consciência. Esses produtos não passam de disfarces conscientes, porém eles são ineficazes ao tentar mascarar todos esses produtos. (NÁSIO, 1999)

Às vezes, os produtos do inconsciente conseguem chegar a consciência, porém podem ser tão fortes para estar nesse local, que acontece algo que na

psicanálise é chamado de recalçamento secundário ou recalçamento a *posteriore*, o que se dá quando o produto do inconsciente chega a consciência, e o recalçamento o manda de volta para o inconsciente. O sujeito, em seu trabalho subjetivo está sempre às voltas com o que podemos chamar de eterno retorno do recalçado, que sempre vai pressionar, de distintas maneiras e por distintos caminhos, para emergir à consciência. O fato de este material emergir, rompendo as barreiras repressivas, não quer dizer que o conteúdo latente é prontamente identificado pelo sujeito, ou por quem com ele convive em sua esfera social. Este conteúdo pode emergir em tantas novas roupagens, que nem sempre é possível a sua identificação e a compreensão do que o mesmo sinaliza. Voltaremos a este ponto na sequência deste escrito.

Nasio (1999) em seu livro, *O Prazer de Ler Freud*, separou ambos os modos de recalçamento criados por Freud. O recalçamento primário, que é o recalçamento que contém fixa no inconsciente as representações. Já o recalçamento secundário, que foi debatido há pouco, que retrocede, que manda de volta as representações para o inconsciente.

O desejo é algo que está diretamente ligado ao inconsciente, segundo Násio(1999), Freud nos diz que o homem é comandado pelo princípio do prazer, e portanto, está sempre tentando satisfazer seus desejos, mas afinal, no olhar psicanalítico, o que é o desejo? Conforme Nasio (1999), Freud explica o desejo como uma pulsão da qual não temos a devida consciência, e o objetivo dessa pulsão seria o prazer absoluto.

O chiste é uma das formas que as representações fixadas e recalçadas no inconsciente acharam para emergir à consciência. Assim como os sonhos, por exemplo, também são uma poderosa forma de emergir dos conteúdos recalçados, mas nem sempre são recordados quando o sujeito desperta. Muitas vezes o sujeito lembra de fragmentos, ou mesmo do que ele pensa ser a íntegra do conteúdo do sonho, mas não consegue compreender qual o sentido do mesmo, ou que mensagens carrega. Como se o conteúdo que consegue emergir o fizesse em formato de código, de enigma para o sujeito.

Para tentar compreender o conceito de inconsciente, partimos do texto *Chiste e Sua Relação com o Inconsciente* de Sigmund Freud (2017). Esse livro foi publicado pela primeira vez em 1905, a primeira tradutora para o francês foi

a psicanalista Marie Bonaparte em 1930. O primeiro tradutor para o inglês foi Abraham Brill em 1916, para o português direto do alemão, foram Fernando Costa Mattos e Paulo César de Souza. Ressaltar aqui os tradutores da obra de Freud não é um mero preciosismo. É destacar que a tarefa de traduzir uma língua é sempre da ordem do impossível. As palavras comportam sentidos próprios em sua língua original, que em muitos casos, não são possíveis de encontrar na língua a qual queremos traduzir. Desta forma, traduzir carrega sempre este risco de que algo do sentido original se perca no processo da tradução, há sempre algo da ordem do intraduzível (IANNINI;TAVARES, 2019)

Freud (2017) para desenvolver o conceito de chiste usou como base as histórias que ele estava acostumado a escutar quando criança, as quais eram contadas pelas *Schadhen* (casamenteiras judias e *Schnorrer* significa pedintes), e usavam a fórmula do chiste para contar em forma de gracejos, os principais problemas da comunidade judaica da época. O chiste é uma forma de expressão do inconsciente, e para ele existir é necessário no mínimo a presença de três pessoas (o autor da piada, seu destinatário e o espectador). Desse modo, é encontrado um meio socialmente aceitável para os desejos que estão recalcados no inconsciente se expressarem. Dessa forma, o chiste não deixa de ser um produto de prazer.(ROUDINESNO, 2016)

O chiste não pode ser tratado fora do contexto do cômico. Jean Paul (apud Freud, 2017, p. 19) já nos explicou “a liberdade produz o chiste, e o chiste produz a liberdade”. Já Kant (apud Freud, 2017, p. 20) dizia que a comicidade é uma característica notável de iludir-nos apenas por um momento. A comicidade se baseia no sentido sem sentido, que passa despercebido, mas está fortemente presente.

Uma característica do chiste é geralmente ser breve e econômico com as palavras. O chiste nos passa a mensagem que pretende, nem sempre com poucas palavras, mas sempre com palavras de menos, ou seja, palavras que para o chiste são suficientes para passar sua mensagem, no final, ele pode até passar suas mensagens, silenciando. (FREUD, 2017). Porém, mesmo sendo breve, o chiste faz aparecer algo que está oculto no nosso inconsciente. A brevidade do chiste é um processo que deixa nas palavras do chiste um segundo vestígio.

No chiste, às vezes, a palavra não é inconcebível, porém uma letra a mais deixa de forma viva o chiste. Freud (2017) deu um exemplo onde um moço de nome Leopoldo, acaba por vivenciar um caso amoroso com uma moça chamada Cleo, e as pessoas ao redor passam a chamar Leopoldo de Cleopoldo. Alguém de fora, que escutar isso, não vai perceber que a primeira letra do nome de Leopoldo foi trocada, ou vai perceber e não vai estar atento a ponto de perceber que isso se configurou em um chiste, e pode acontecer de forma involuntária. O chiste também está fortemente ligado a uma presença de espírito. Freud (2017) deu um exemplo ao cego ao perguntar ao paraplégico: “Como anda você?” e o paraplégico lhe responder: “como você está vendo”. (Trago abaixo três formas como o chiste pode se apresentar. Vale ressaltar que o chiste é uma expressão do inconsciente, e essas três formas podem aparecerem juntas, na mesma frase, ou podem aparecerem separadas. Porém, Freud que tinha essa necessidade de mostrar a psicanálise como uma ciência, teve o cuidado de explicar essas formas didaticamente.

A primeira delas é a Condensação que é quando o chiste apresenta uma palavra de forma condensada, a mesma palavra tem mais de um sentido, pode-se criar uma palavra nova, o autor dessa palavra pode nem ter o conhecimento dessa criação e deixar escapar essa palavra inconscientemente. Um exemplo é o caso do moço chamado Leopoldo que já ressaltar aqui. Uma segunda maneira de apresentação do chiste é o seu uso no mesmo material. Aqui o chiste aproveita-se da palavra, e a desmembra para formar um chiste. Um exemplo apresentado por Freud (2017) foi em relação a Napoleão Bonaparte, onde uma moça desmembrou seu sobrenome Bonaparte em “Boa Parte”. Ou seja, o chiste aproveita-se da palavra e lhe dá mais de um sentido. Por fim, ele apresenta o duplo sentido, que é quando uma palavra no meio da frase pode ter duplo sentido, pode ser entendida como algo diferente. O duplo sentido é uma condensação sem formação substitutiva. Um exemplo que me vem a memória e que Freud (2017) também usou é chamar uma moça de honesta em uma determinada conversa. O honesto tanto pode ser da ordem de honestidade em relação a dinheiro como honestidade em relação a seus relacionamentos amorosos. Claro que, para a palavra tomar essa peculiaridade de possuir um duplo sentido, é necessário estar em circunstâncias favoráveis.

Como já foi escrito anteriormente, o chiste prima pela economia de palavras, e todos trabalham com a condensação de palavras. Pode-se notar nesse desmembramento dos chistes apresentado por Freud (2017) que em todos os casos a condensação está presente. O chiste reside na expressão verbal. Ele tem uma certa semelhança com os sonhos (Outra forma do inconsciente se apresentar) uma vez que ambos trabalham com condensações e modificações.

O ato falho consiste em uma das maneiras do inconsciente achar uma forma de burlar a barreira do recalçamento. Embora diversas vezes, agimos com alguns atos que a olho nu podem parecer sem nenhum sentido, nossos atos nunca são desconectados da nossa realidade. Embora em muitos casos sejam atos involuntários, eles sempre são determinados por um processo inconsciente e sempre tem algum sentido. Freud (1901/2019) deu o nome a esse processo de ato falho. Basta notar que uma pessoa, geralmente ao cometer um ato falho, acaba por corar ou dar um sorriso, isso é a prova que aí existe uma revelação do inconsciente, ou um produto do mesmo. A chave do ato falho reside em que ele é um substituto de um ato ideal, ou seja, um ato que deveria ser produzido mas não foi, portanto o ato é um substituto daquilo que não foi realizado.

Já Roudinesco e Plon (1998), explicam o ato falho com uma ligação entre a intenção consciente do sujeito e seu desejo inconsciente. A autora argumenta que Freud, a partir do texto da Interpretação dos sonhos (1900/2019), foi o primeiro a perceber que o ato falho está relacionado com o conteúdo inconsciente de quem o comete. Roudinesco e Plon (1989) apontam que na obra freudiana é possível de encontrar belos exemplos de atos falhos no texto escrito em 1901 por Freud intitulado *A psicopatologia da vida cotidiana*.

O esquecimento é um exemplo claro de um ato falho, porém, quando uma pessoa esquece algo, essa falha na memória geralmente carrega algo oculto. Entre os esquecimentos, um muito comum é esquecer o nome de alguém, ou de um lugar conhecido. O nome nem sempre é só esquecido, como inúmeras vezes ele é erroneamente lembrado, isso acontece porque, ao procurarmos o nome perdido, outros nomes conhecidos acabam por emergir à

consciência. Ou seja, ao procurarmos o nome perdido, outros nomes surgem, o nome, portanto foi deslocado. Nota-se que os nomes, desse modo, têm uma ligação entre si. Às vezes, lembrar o nome de alguém sem motivo aparente pode ser por algo que recalamos e que está associado a esse nome por algum motivo, trata-se do inconsciente tentando mandar mensagens à consciência, ou também podemos esquecer um nome, pelo motivo que desejamos recalcar algo que está ligado a esse nome.

Porém, quando um nome aparece como substituto ao nome que foi esquecido, dois fatores devem acompanhar esse nome, que são o esforço da atenção e uma condição interna ligada ao material psíquico. O esquecimento, portanto, muitas vezes pode servir para proteger nossa saúde psíquica (FREUD, 1901/2019).

Freud (1901/2019) relata que ao esquecer algumas palavras, ou uma estrofe em um poema, uma parte de uma letra de música, por exemplo, não percebemos que esse esquecimento está ligado a algo que está recalcado no nosso inconsciente. Essa falha na memória, que pode parecer inofensiva, pode estar ligada a memórias íntimas e remotas do sujeito, às quais, provavelmente estão investidas de afetos penosos. Desse modo, quando se esquece ou substitui-se alguma palavra por outra, que conscientemente pode não ter semelhança alguma com a palavra esquecida, geralmente existe uma ligação entre elas, por alguma via associativa, que traz conteúdos que estão ligados ao inconsciente.

Freud, em seu livro *Sobre a Patologia da vida cotidiana* (1901), traz alguns exemplos próprios sobre esquecer nomes que são familiares a ele, e esses esquecimentos, sempre estão ligados a temas aos quais são de grande importância. Freud traz o nome perdido, como algo que tocou em um complexo pessoal do sujeito.

Um exemplo que Freud (1901/2019) trouxe, foi quando um paciente pediu que ele lhe recomendasse uma estação de águas na Riviera. Freud, embora conhecesse um lugar ideal, e também o nome de um médico para indicar, os esquece totalmente, e precisa consultar outras pessoas para saber os nomes

em questão, após tomar conhecimento que o lugar se chama Nervi, Freud percebe que tem vários trabalhos extenuantes relacionado a nervos, portanto essa similaridades das palavras, o fez esquecer o local, ao qual seu amigo deveria passar uma temporada.

Freud (1901/2019) traz que seus pensamentos tem uma ligação entre si, e o esquecimento de nomes é oriundo disso, e que o sujeito compara consigo mesmo tudo o que escuta em relação a outras pessoas, portanto seus complexos pessoais estão sempre em alerta ao escutar alguma notícia relacionada a outra pessoa.

Outro exemplo mais transparente de esquecimento, que Freud apresentou no livro *Sobre a Patologia da vida cotidiana (1901)*, foi relatado a ele por Carl Gustav Jung (1875-1961), no qual um homem de nome Y se apaixona por uma moça, logo após essa mesma moça casa-se com um homem de nome X, logo após, mesmo o senhor Y conhecendo o senhor X há muito tempo, esquece o nome do senhor X. Freud, enquadrando esse esquecimento na constelação de auto referencia.

O esquecimento de um nome também pode ser caracterizado como um ressentimento. Freud (1901/2019) trás o exemplo da Srta I. von K. Na qual esquece o nome de um amigo, e após alguns dias, ao escutar o nome do amigo lembra-se que o mesmo foi portador da destruição de sua teoria.

Outro exemplo, também mostra como um complexo pessoal pode gerar um esquecimento. No caso do exemplo, é um senhor que esquece um lugar ao qual viajou pelo fato que a segunda metade do nome do lugar é *vetrano*. O senhor em questão tinha uma grande dificuldade em envelhecer e estava na frente um homem mais jovem quando aconteceu esse esquecimento. (FREUD, 1901/2019)

O esquecimento dos nomes também pode aparecer como um sintoma histórico, Freud (1901/2019) traz um exemplo apresentado por Sándor Ferenczi (1873-1933), no qual uma senhora solteira, já com idade avançada, começa a esquecer os nomes de amigos e conhecidos. Ao esquecer os nomes, ela deixa

visar sua ignorância, e essa ignorância tem o intuito de culpar os pais, aos quais ela pensa terem transformado ela em uma empregada ao não deixar a mesma receber uma instrução superior.

Podem-se distinguir com base nos exemplos dados que os esquecimentos acontecem em dois modos:

- Quando o próprio nome toca em algo desagradável.
- Quando o nome se liga outro nome e acaba despertando e revivendo lembranças desagradáveis, através de vínculos associativos.

Percebe-se que o esquecimento de nomes é geralmente o ato falho mais comum de acontecer entre as pessoas. (FREUD, 1905/2019)

Além dos atos falhos, os sonhos são também uma manifestação importante de manifestação do inconsciente. Freud explicitou isso em sua *A interpretação dos Sonhos* (1900), portanto é com base principalmente nessa obra, e outros livros que tratam desse assunto, que pretendo trazer esse conceito para o trabalho.

Freud (1900/2019) diz que os sonhos nunca estão fora de um contexto, e que a função deles é sempre a realização de algum desejo, ou alguns desejos, e que só é possível tomar conhecimento dos sonhos, através do relato da pessoa que vivenciou o sonho, portanto o que se interpreta para se chegar a uma conclusão, não é o sonho, mas o relato do sonho, pois ao sonho verdadeiro, a esse, não temos como ter acesso. Para Freud (1900/2019) a pessoa que sonha, sabe o verdadeiro significado desse sonho, mas não tem esse conhecimento, e isso acontece, pelo fato da censura sempre estar atuando no inconsciente.

Freud (1900/2019) chegou a comparar à censura dos sonhos à censura da imprensa, que às vezes, atuando sobre um jornal deixa tantos espaços em brancos que torna o jornal quase ininteligível, e deixa para ser lido apenas aquilo que não interessa, ou algo bastante reduzido. Freud (1900/2019) já afirmou que todos os sonhos possuem um sentido e que esse sentido é cabível de uma interpretação. Porém, esse sentido nunca é totalmente claro ao

intérprete ou ao sonhador.

O sonho sempre é uma forma disfarçada de realizar algum desejo do sonhador, porém, como já vimos, carregamos dentro de nós uma censura que está sempre atuante. Essa censura atua diretamente sobre os sonhos, e o efeito dessa censura, nos sonhos, é chamado de deformação onírica. Portanto, ao recordamos um sonho que aconteceu durante à noite, o mesmo já passou por essa deformação onírica, e essa deformação, tem como objetivo proteger o sonhador dos seus desejos. Desse modo, o sonho ao qual recordamos é sempre um substituto deformado, ele é um conteúdo do inconsciente ao qual é cabível de interpretação. A interpretação é sempre em cima do relato do sonho, e ao interpretar o sonho, não tomamos o sonho como um todo, mas as parcelas isoladas de seu conteúdo. Assim o sonho é um fenômeno psíquico constituído de imagens e representações que escapam ao controle consciente do sonhador, sendo essencialmente formado por fragmentos de restos diurnos, associado ao conteúdo inconsciente que se combinam formando o que chamamos de sonho.

Freud (1900/2019) traz como exemplo o sonho que ele próprio vivenciou, o qual foi relacionado a uma paciente que ele chamou de Irma, uma mulher que possuía laços de amizade com ele e com sua família. Freud escutou de um amigo, que tinha visitado Irma recentemente, que a mesma não estava totalmente boa em relação ao tratamento, o que deixou Freud aborrecido. Esse sonho trouxe vários conteúdos que o ajudou a conhecer melhor e encaixar em sua teoria, a psicanálise, o funcionamento do mundo onírico.

Freud ao passar o dia escrevendo um relatório sobre sua paciente sonhou com ela. A partir daí já consegue interpretar que algum assunto ao qual nos dedicamos com ardor durante o dia pode ocupar a atividade mental após o adormecer, mas ao olhar o sonho de modo banal não é possível ter noção do que ele significa.

Vamos à análise do sonho desenvolvido por Freud (1900/2019), como exemplo, para ilustrar o trabalho. Freud sonha que encontrou Irma em um salão, e ao acordar nota que posteriormente iria acontecer o aniversário de sua mulher, no qual Irma seria convidada, portanto o sonho estava prevendo esse

acontecimento, que Freud já tinha conhecimento que iria ocorrer. Freud, no sonho, repreende Irma e diz que se ela sente dores, a culpada é ela mesma, isso é interpretado como o desejo de Freud, de que as moléstias de Irma sejam culpa exclusivamente dela, pois isso não colocaria à prova seu processo de cura. Ao sonhar com a paciente pálida e inchada, Freud, ao acordar lembra que ela se apresenta sempre corada, e interpreta como se outra pessoa estivesse substituindo Irma. No sonho, Freud fica alarmado de não perceber nenhuma doença orgânica na sua paciente, e na interpretação, isso aparece como um desejo do terapeuta que o diagnóstico de Irma tivesse sido errado, pois assim, a culpa que Freud sentia pela falta do êxito do tratamento estaria eliminada. No sonho, Irma hesitou em mostrar os dentes, o que Freud interpreta como algo que remeteu a uma bela governanta que ele atendeu outrora, e que também hesitou a mostrar os dentes a ele, durante um exame médico. No sonho, aparece na garganta de Irma uma placa branca e ossos turbinados recobertos de placas. A interpretação se dá, pelo motivo que a placa branca remete à doença da filha de Freud e os ossos turbinados recobertos de placas fazem Freud lembrar que uma de suas pacientes desenvolveu uma necrose da membrana mucosa nasal, por conta da cocaína. Inclusive nos últimos dias Freud estava fazendo uso frequente de cocaína.

No sonho, o Dr. M. estava pálido, e Freud interpreta como uma fusão de duas pessoas em uma só, pois o Dr. M. lembrava seu irmão, e há poucos dias, tinha recebido notícias que este irmão estava puxando uma perna por causa de infecção artrítica no quadril. No mesmo sonho, Freud observa que uma parte do ombro esquerdo de Irma, na pele, estava infiltrada, interpretando isso como o reumatismo em seu próprio ombro, ao qual ele observara até altas horas da noite. No sonho surge o contexto onde as dores de Irma não tem importância e aí Freud consegue enxergar aí o desejo de desviar dele, as moléstias de Irma.

Entre os conteúdos interpretados por Freud(1900) alguns foram expostos aqui no trabalho para exemplificar o funcionamento dos sonhos em relação ao inconsciente. No sonho citado, Freud reconhece que se realizaram certos desejos que ele carregava, tal como ter se vingado de seu amigo Otto, por causa de suas observações em relação a sua paciente. O sonho também des-

responsabilizou Freud das dores que Irma apresentava, ou seja, apresentou um conteúdo, tal como Freud desejava que tivesse ocorrido. Outros assuntos, referentes a Freud, também entraram no sonho, tal como a doença de sua filha, o efeito nocivo da cocaína, a preocupação com a saúde de seu irmão e seus próprios males físicos. Freud reconhece que os sonhos não são totalmente desvendáveis, e que algumas lacunas sempre vão ficar, mas que, ao interpretar um sonho, acaba-se por chegar à conclusão que este realiza algum desejo.

Garcia Rosa (2009), em seu livro *Freud e o Inconsciente*, diz que o sonho tem dois registros, aquele que a pessoa conta e o outro que é o oculto, ao qual pretende se interpretar. Ao primeiro sonho, Freud o chamou de conteúdo manifesto dos sonhos, e ao segundo, de pensamentos oníricos latentes. Ao interpretar os sonhos, e ao encontrar algum sentido neles, se vai do conteúdo manifesto aos pensamentos latente, ao que Freud deu o nome de interpretação.

Freud (1900/2019) apontou quatro elementos que fazem parte de um sonho, a saber: condensação, deslocamento, figuração ou consideração à figurabilidade e elaboração secundária. A condensação, que é quando o conteúdo manifesto do sonho, é menor que o conteúdo latente, portanto ele é abreviado, ou condensado, vale ressaltar que o inverso nunca acontece. A condensação é subdividida em três elementos, o primeiro é quando no sonho, é omitido determinadas coisas do conteúdo latente; a segunda é quando apenas algumas partes, ou fragmentos do sonho latente aparecem no sonho manifesto e a terceira é quando combina vários elementos do conteúdo latente que tem algo em comum. Outro elemento importante no sonho é o deslocamento que é quando um elemento do sonho é substituído por outro, porém esse que é o substituto possui alguma alusão com o conteúdo latente. Já o elemento da figuração ou consideração à figurabilidade é quando o pensamento dos sonhos é transformado em imagens. Por fim temos a elaboração secundária que é quando o sonho é transformado em uma história, de forma que ele seja coerente.

Os sonhos que são desagradáveis para o sonhador, conhecidos

popularmente como pesadelos, também são uma realização de desejos, porém é um desejo inconsciente que é inaceitável para a consciência, e que acaba por produzir ansiedade. Freud (1900/2019) os chamou de sonho de punição. Vale lembrar que os sonhos, e seus sentidos, nunca se dão por terminados em uma única interpretação, e esse mesmo sonho, é passível de outras interpretações. Freud nos diz que em todos os sonhos, existe um ponto que é insondável, portanto não é possível interpretar. O analista, na maioria dos casos, vai proceder a interpretação dos sonhos em um trabalho analítico a partir do acompanhamento longitudinal que o caso permite, associando este conteúdo que emerge no formato de um sonho a história relatada pelo sujeito em atendimento. Sendo que o analista estará respaldado para tanto pelo estabelecimento da relação transferencial, pois é deste ponto que o sujeito convoca o analista, conferindo-lhe lugar na cena analítica.

Estudando o artigo desenvolvido por Jorge Coelho Soares e Ariane Patrícia Ewald (2007), e levando em conta a subjetividade de cada pessoa, pode-se fazer uma reflexão a cerca da subjetividade do material que compõe o inconsciente.

O inconsciente embora presente em todos nós, e o que está recalado nele, e toda a hora enviando mensagens de sua existência é algo muito subjetivo. A psicologia, sociologia e antropologia já vêm estudando sobre a formação da pessoa, sobre as novas identidades em contextos multiculturais. E aí é extremamente importante que o inconsciente se faça presente, mas o que compõe o interior dele pode vir a mudar de cultura para cultura. E a importância de dar voz a essas pessoas, tendo o cuidado de não se deixar influenciar pelos preconceitos que cada cultura produz, para encontrar uma forma de contextualizar o que está recalado no inconsciente, e dessa maneira acessar o mesmo através da associação livre.

Segundo Peter Gay (2012), Freud em 1895 já discutia as artes da psicoterapia, e idoso, ainda continuava a escrever sobre técnicas referentes a psicanálise. Nos anos de 1880 ele utilizava a hipnose em seus pacientes. Já em 1890 ele tenta fazer seus pacientes relatarem seus casos mais profundos, esfregando a testa do mesmo ou interrompendo a narrativa. Em 1904 Freud es-

creve um artigo ao qual chama de *O Método Psicanalítico de Freud*, para o livro *Manifestações obsessivas psíquicas*, de Leopold Lowenfeld (1847-1923).

O Método Psicanalítico, proposto por Freud em 1904, é oriundo do método catártico.

“Na história da psicanálise, o método catártico deriva do campo do hipnotismo. Foi ao se desligar progressivamente da prática da hipnose, entre 1880 e 1895, que Freud passou pela catarse, para inventar o método psicanalítico propriamente dito, baseado na associação livre, ou seja, na fala e na linguagem” (ROUDINESCO e PLON, 1998, pag. 108).

No método catártico, chegava-se a conclusão que o paciente seria hipnotizado, e acreditava-se na ampliação da consciência, durante a hipnose. O paciente, ao falar sobre lembranças até então excluídas da consciência para o médico, durante esses processos anímicos, o sintoma era superado e seu retorno impedido. (FREUD, 1904/2019)

Após Freud usar o método catártico por algum tempo, ele abandona esse método, portanto abandona a hipnose. E começa a solicitar que seus pacientes deitem de costas em um divã, enquanto ele senta-se em uma cadeira atrás desse divã, a conversa entre terapeuta e paciente flui naturalmente, sem que nenhuma impressão sensorial possa distrair. O paciente é convidado a falar sobre tudo o que vem a sua mente, e que tente não excluir de sua fala nenhum pensamento ou ideia. O paciente ao relatar suas histórias, já deixa transparecer lacunas, as quais o terapeuta interpreta. (FREUD, 1904)

Freud cria então, como regra fundamental da Psicanálise, o método da associação livre.

“O método da associação livre, ou da livre associação, permitia atingir com muito maior facilidade, segundo ele, os elementos que estavam em condições de liberar os afetos, as lembranças e as representações. Para tanto, era preciso convidar os pacientes a “se deixarem levar” e “exigir” deles “que não [deixassem] de revelar um só pensamento ou ideia, a pretexto

de o acharem vergonhoso ou doloroso.” (ROUDINESCO e PLON, 1998, pag. 649)

Dessa forma, a associação livre é fundamental para a psicanálise, pois é através dela, que o psicanalista consegue interpretar as manifestações do inconsciente, que se dão através dos chistes, sonhos, atos falhos e sintomas.

PARTE II

Dostoievsky e o Inconsciente.

Boris Schnaiderman em seu prefácio no livro *Memórias do Subsolo* (2017) , diz que se Dostoiévski é considerado um romancista filósofo, é em *Memórias do Subsolo* (1864/2019) que o autor expõe com maior intensidade a dramaticidade e a força emocional de um personagem.

Dostoiévski nasceu em 1821 em um ambiente totalmente repressivo, onde as ideias eram abafadas pela mão forte do estado, durante o governo do Czar Alexandre I (1777-1825). Esse monarca chegou ao trono após uma revolução palaciana que terminou com a morte de seu pai Paulo I (1754-1801). Nos primórdios do governo de Alexandre a esperança reinou sobre a Rússia, afinal o preceptor do mesmo e escolhido por sua avó, Catarina II (1729-1796), foi um homem de ideias modernas para a época. O novo Czar no início chegou a rodear-se de pessoas adeptas a essas reformas. O próprio Czar, e os que o cercavam, tinham planos de abolir os servos russos e garantir a concessão de direito civis a todos os cidadãos. Porém, a ascensão de Napoleão Bonaparte (1769-1821) varre as ideias modernas, não só na Rússia, como em toda a Europa. Essa ascensão toma todo o tempo e energia de Alexandre I, que consegue derrotar Napoleão, mas posterior a essa derrota, ao invés de dar seguimento as ideias que a população russa reivindicava, Alexandre I cai sob uma influência do misticismo religioso e irracionalismo, tão predominantes na imediata era pós-napoleônica (FRANK, 2018). Ao invés das reformas entre os

anos 1820 e 1825, a Rússia presencia uma intensificação da reação e da repressão frente a qualquer ideia ou tendência liberal. Alexandre I morre em 1825, quando Dostoiévski era apenas um menino. As pessoas que tinham ansiado por novos tempos quando da ascensão de Alexandre I, permaneceram com essas ideias amortecidas. Com sua morte entram mais uma vez em cena e iniciaram uma revolta, a qual o estado conseguiu terminar em apenas 8 horas. Essa revolta ficou conhecida como a insurreição de dezembro que ocorreu na Rússia em 1825. Os autores dessa revolta ou foram condenados a forca ou um exílio perpétuo na Sibéria.

Ressaltei esses dados sobre a Rússia, pelo motivo que Dostoiévski cresceu sobre a sombra da revolução de dezembro, e convivia com a dura atmosfera criada por Nicolau I (1796-1855) para garantir que nenhuma nova revolução aconteceria na Rússia e seu reinado estivesse garantido. Podemos perceber aí que as ideias tinham que ser recalçadas para viver com tranquilidade na Rússia. Mas sabemos que as coisas recalçadas sempre acham uma forma de emergir, e Dostoiévski encontrou esse meio através da literatura, e especialmente no livro *Memórias do Subsolo* (2017) com o qual nos deteremos em maior profundidade, como um recorte, em sua vasta obra.

Dostoiévski ficou órfão muito jovem, acompanhou a doença de sua mãe até a morte dela. Após a morte da mesma, Dostoiévski contrai uma doença sem causa aparente e acaba por perder a voz. Isso acabou por acontecer com as históricas que Freud foi estudar posteriormente, podemos supor que essa doença de Dostoiévski não deixa de ser um sintoma do inconsciente. O pai de Dostoiévski é assassinado enquanto ele está na Universidade, e segundo Frank (2018) o mesmo sente uma tremenda culpa por isso. Este biógrafo, afirma que para Freud, ele internalizou esse sentimento de culpa ainda quando criança, na fase edipiana, onde o desejo da morte do pai se faz presente, e após a morte do pai, o jovem Dostoiévski vivenciou seus impulsos parricidas e recalçados que carregava desde a infância, gerando assim o sentimento de culpa que o atormentou pelo longo da vida. Segundo Frank (2018), Freud chegou a estudar a conduta de Dostoiévski, principalmente na questão da morte de seu pai, interpretando que Dostoiévski tinha um desejo de assassinar o pai, e esse desejo estava recalçado no inconsciente, e que ao saber da morte ou

assassinato do pai, Dostoiévski realizou seus desejos mais secretos e recalçados, o que o fez ter uma crise epiléptica.

Seguindo o relato biográfico de Frank (2018), em 1840, Dostoiévski era obcecado pelas ideias que queriam abolir a servidão na Rússia. Os mujiques viviam em estado de total repressão pela mão do estado, suas ideias e seus desejos não eram ouvidos na sociedade Russa, e a violência era uma forma que o estado encontrou para continuar com esse sistema. Turguêniev (1818 – 1883) em seu livro *Memórias de um Caçador* (1852/2017) apresentou como os mujiques viviam na Rússia. O autor nos dá o exemplo dos mujiques de Oriol, que é uma cidade na Rússia localizada as margens do rio Oka, essa cidade foi fundada em 1556 por Ivan IV (1530-1584). O mujique de Oriol é baixo, arqueado, soturno, olha de soslaio, mora em umas isbás de choupo pequenas e malfeitas, presta, corveia, não faz comércio, come mal, calça alpargatas.(TURGUÊNIEV, 2017) Isso nos possibilita uma maneira de pensar como viviam esses seres humanos, que na Rússia eram chamados de almas.

A Rússia sempre foi muito fechada em relação a subjetividade das pessoas, o saber psiquiátrico, por exemplo, só foi aceito na Rússia durante o governo de Alexandre II, época na qual Dostoiévski estava produzindo seus trabalhos, porém a psicanálise só foi apresentada aos russos no período que sucedeu a primeira guerra mundial. Após a implantação do regime comunista, a psicanálise foi erradicada da Rússia, e só poderia ser aplicada de forma clandestina. O inconsciente, tema ao qual o trabalho se debruça, só retorna a essas terras como tema de estudo em 1975, quando Serge Tzouladzé organiza na União Soviética um colóquio sobre esse tema.(ROUDINESCO E PLON, 1998)

Dentro da vasta obra de Dostoiévski, o livro *Memórias do Subsolo* foi escrito enquanto a mulher de Dostoiévski estava em seus derradeiros momentos de vida, pois a mesma sofria de tuberculose. O autor escreveu ao apresentar o livro para a sociedade Russa, que ele fazia parte da geração dos homens que vivem seus últimos dias.

O personagem do livro *Memórias no Subsolo* é um homem que se porta com desprezo ao moralismo e ao pensamento vigente da época, um pensamento racionalista e positivista. Esse homem usa o cinismo para criticar sua

cultura. O livro é dividido em duas partes. No primeiro, intitulado *O Subsolo*, o personagem apresenta o seu estado, fala de seus modos condenáveis, conta como foram seus anos nas repartições públicas em que trabalhou e faz uma crítica a forma de civilização a qual estava inserido. Na segunda parte do livro, que é intitulada *A Propósito da Neve Molhada*, o personagem apresenta como viveu seus momentos junto a seus colegas de escola e o relacionamento que manteve com uma prostituta chamada Liza. Já apresentava então um comportamento cínico, ao qual foi repetindo no decorrer de sua vida. Ele nos diz que o inconsciente vigente seriam as “leis da natureza” e que destitui qualquer existência da vontade do homem.

Dostoiévski usa o personagem principal do livro para condenar a sociedade Russa, seus costumes e seus preconceitos. Para se obter algum prestígio na época, para o personagem, o homem não deveria ter caráter “*um homem inteligente do século dezenove precisa e está moralmente obrigado a ser uma criatura eminentemente sem caráter*” (Dostoiévski, 2017, pag. 17).

Ainda na primeira parte do livro, o personagem afirma diversas vezes que é um ser desprezível e que sofre de alguma moléstia “*Sou um homem doente... Um homem mau. Um homem desagradável*” (Dostoiévski, 2017, pag. 15). E o interessante é que esse personagem sente certo prazer ao sofrer, e na psicanálise, trabalha-se com a hipótese que todo o desprazer, gera um prazer, portanto já nas primeiras páginas do livro, nota-se algo oculto do personagem aflorando, mesmo o próprio personagem não tendo ainda conhecimento disso. O mesmo deixa claro na sua fala esse prazer oriundo do desprazer “*Não, se não quero me tratar, é apenas de raiva. Certamente não compreendeis isso*”. (Dostoiévski, 2017, pag. 16). E o personagem segue afirmando o prazer que sente através de suas moléstias “*Se me dói o fígado, que doa ainda mais.*” (Dostoiévski, 2017, pag. 16) Essa outra reflexão do personagem também ajuda a ilustrar essa ideia “*Nesses gemidos é que se expressa o prazer do sofredor, se não sentisse neles prazer, não iria sequer solta-los*” (Dostoiévski, 2017, pag. 26).

O personagem dá um panorama geral sobre como foi sua vida até então, apresenta-se como um homem de 40 anos, e que convive com sua moléstia há 20 anos, e que é funcionário público. Vale ressaltar aqui que Joseph Frank (2018) apresenta o cargo de funcionário público como algo sem o menor prestígio social na Rússia na época de Dostoiévski, e que o pai de Dostoiévski era um funcionário público, ao qual a mãe tinha certo desprezo por esse cargo do marido, por ser oriundo de uma família tradicional ligada a terra. E essa necessidade de pertencer a uma elite social sempre esteve muito presente na literatura de Dostoiévski, embora não de forma clara, atravessando grande parte de seus personagens principais. Tem uma fala no livro que mostra o sentimento que o pai de Dostoiévski passou ao ser funcionário público *“Fiz parte do funcionalismo a fim de ter algo para comer.”* (Dostoiévski, 2017, pag. 17). O personagem em um determinado momento recebe uma herança pífia, e apresenta-se, mostrando mais uma vez o desprezo pelo funcionalismo público.

O personagem segue afirmando que sempre foi um funcionário vil no cargo aos quais ele ocupou, mas que a maior raiva sentia quando percebia que no fundo não era uma pessoa má, que apenas se divertia a ser desagradável com as pessoas. Apresenta o quarto no qual vive como algo sujo, e a ajudante a cuidar de suas coisas *“A minha criada é uma aldeã velha, ruim por estupidez, e, além disso, cheira sempre mal.”* Aqui nota-se uma crítica a forma como a sociedade Russa enxergava os mujiques, que depois da emancipação, as mulheres, em sua grande maioria, foram ser criadas em casas de família na cidade.

O livro *Memórias do Subsolo* foi escrito em 1864, portanto, anteriormente a Freud criar o conceito de inconsciente, porém o personagem, já dá mostras de reconhecer que o seu inconsciente está fervilhando, e que o mesmo estava enviando para a consciência temas aos quais o personagem não tinha um conhecimento consciente, mas que estavam afetando-o diretamente *“Sentia que esses elementos contraditórios realmente fervilhavam em mim. Sabia que eles haviam fervilhado a vida toda e que pediam para sair, mas eu não deixava”.* (Dostoiévski, 2017, pag. 16). Tais elementos levava o mesmo a sofrer convulsões, o que pode ser considerado como um sintoma no contexto psica-

nalítico O filtro que existe entre a consciência e o inconsciente também entra em cena em uma determinada fala do personagem, e o mesmo parece saber a necessidade desse filtro para a vida psíquica do sujeito “*Juro-vos senhores, que uma consciência muito perspicaz é uma doença.*” (Dostoiévski, 2017, pag. 18). Embora sabendo o perigo que iria correr se o seu inconsciente fosse descortinado instantaneamente, o personagem sabe que o inconsciente não pode ser deixado de lado “*Quanto mais ignorais, tanto mais sentis essa dor.*” (Dostoiévski, 2017, pag. 26)

O personagem diz possuir um amor-próprio, mas ao mesmo tempo apresenta contradições, uma das suas falas nos dá um exemplo claro disso “*tive momentos tais que, se me acontecesse receber um bofetão, talvez até me alegrasse com o fato.*” (Dostoiévski, 2017, pag. 20) E logo após o prazer ao qual sentia a passar por essas situações “*naturalmente o prazer do desespero*” (Dostoiévski, 2017, pag. 20). O livro trás também o sentimento de vingança, ao qual o personagem diz conhecer esse sentimento, e a força que o mesmo possui. “*quando o sentimento de vingança, suponhamos, se apodera dele. Nada mais resta em seu espirito, a não ser este sentimento.*” (Dostoiévski, 2017, pag. 21).

O personagem se sente incompreendido durante quase todo o livro, e esse sentimento de inadequação o incomoda bastante “*Não se podia sequer culpar as leis da natureza, embora, realmente, as leis da natureza me ofendessem sempre e mais que tudo, a vida inteira.*” (Dostoiévski, 2017, pag. 28). Embora o personagem se ofenda por coisas que não deveriam gerar uma ofensa, ele tem consciência disso, porém se ofende, e a ofensa acaba por se tornar verdadeira “*Quantas vezes me aconteceu, por exemplo, ficar ofendido não por um motivo determinado, mas intencionalmente.*” (Dostoiévski, 2017, pag. 29). E parece que o mesmo tende a se castigar por essa incompreensão a qual vivencia “*Em certos casos, desejamos para nos mesmo o prejuízo, e não a vantagem.*” (Dostoiévski, 2017, pag. 33)

O personagem também apresenta o sentimento de desejo, e para a psicanálise o desejo não tem razão, ele é inconsciente, e parece que o personagem já sabia disso, antes mesmo de Freud formular suas teorias “*De*

fato, se a vontade se combinar um dia completamente com a razão, passaremos a raciocinar em vez de desejar.” (Dostoiévski, 2017, pag. 40). E ao reconhecer que esse desejo é desprovido de razão

“A razão meus senhores, é coisa boa, não há duvida, mas razão é só razão e satisfaz apenas a capacidade racional do homem, enquanto o ato de querer constitui a manifestação de toda a vida, isto é, de toda a vida humana”.(Dostoiévski, 2017, pag. 41)

O personagem deixa claro que sabe que algo oculto está agindo sobre ele, e que ele toma determinadas atitudes que ele não sabe o motivo que o levaram a tomar tais atitudes, e que essas atitudes agem diretamente contra ele, mas de uma forma inconsciente *“ninguém é capaz de agir conscientemente contra ele”* (Dostoiévski, 2017, pag. 33).

Já no término da primeira parte do livro, depois do personagens dar várias mostras do que, posteriormente Freud iria desenvolver como o inconsciente, o personagem em uma fala, mostra que reconhece o perigo do inconsciente, porém a necessidade do que depois foi nomeado como associação livre para deixar as palavras fluírem.

“E aliás, quereis saber de uma coisa? Estou certo de que a nossa gente de subsolo deve ser mantida a rédea curta. Uma pessoa assim é capaz de ficar sentada em silêncio durante quarenta anos, mas, quando abre uma passagem e sai para a luz, fica falando, falando, falando...”(Dostoiévski, 2017, pag. 50)

O subsolo aí, pode ser visto como o inconsciente. E o mesmo personagem, parece já saber que o inconsciente não reconhece barreiras *“O subsolo é mais vantajoso! Ali, pelo menos, se pode.”* (Dostoiévski, 2017, pag. 51). E retornando ao receio de um inconsciente descortinado, uma reflexão reforça isso *“Mas também há, finalmente, coisas que o homem tem medo de desvendar até a si próprio, e, em cada homem honesto, acumula-se um número bastante considerável de coisas no gênero.”* (Dostoiévski, 2017, pag. 51) E o mesmo personagem já tinha um prévio conhecimento que o inconsciente é atemporal, portanto as memórias que estão lá depositadas não estão sujeitas a ação do tempo e nem aos desgastes do mesmo, a forma do personagem deixar fluir suas memórias, e as reorganizar foi através de

anotações *“Não quero constranger-me a nada na redação das minhas memórias. Não instaurei nelas uma ordem nem um sistema. Anotarei tudo o que me vier a lembrança.”* (Dostoiévski, 2017, pag. 53).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar é buscar respostas para os questionamentos que nos atravessam. Como dito, desde minha infância a literatura me acompanhou e me ajudou a expandir meu pensamento, minhas fantasias, meu mundo. Através dela pude empreender muitas viagens por territórios que me levaram lá do interior para outros mundos, outros campos. Hoje, como estudante de psicologia me vejo inclinado e curioso com os escritos freudianos. A psicanálise também me atravessou e busco, neste escrito de conclusão de curso, juntar as duas pontas destas leituras para construir este trabalho. Um percurso literário na busca deste interior, ou melhor dito, deste inconsciente.

Ao ler Dostoiévski, percebi em suas escritas uma força interior dos personagens muito atuante, e os mesmos, acabam por ter comportamentos os quais não sabem o verdadeiro motivo, que os levaram a realizar tais comportamentos. Após ser inserido na teoria psicanalítica, tive o conhecimento que nossos comportamentos são, na maioria das vezes, regidos por um inconsciente ao qual não temos controle. Dessa forma, decidi retornar a Dostoiévski, já com esse conhecimento obtido, e reler seus personagens com outro olhar, optando por escrever o TCC com base em literatura e psicanálise, fazendo um vínculo entre ambos.

Contextualizar Freud e Dostoiévski foi fundamental para compreender o que levaram esses autores a realizar suas escritas, pretendi trazer ao trabalho o pano de fundo ao qual eles estavam inseridos, buscando assim, guiar o leitor a compreender os motivos que levaram os mesmos a desenvolver seus personagens e suas teorias.

Ao decidir me debruçar sobre o conceito de inconsciente, com as orientações disponibilizadas durante as supervisões semanais ofertadas na Universidade, acabei por aprofundar-me sobre esse conceito, e ter contato com outros conceitos que Freud desenvolveu que compõem o inconsciente ou são usados como forma desse inconsciente mandar conteúdos para a consciência, esses conceitos foram a base para eu entender melhor o inconsciente e a forma como a psicanálise trabalha para acessar o mesmo, os conceitos fundamentais aos quais me deparei em relação ao inconsciente foram os chistes, atos falhos, sonhos, livre associação e sintomas.

A literatura e a teoria foram as bases do trabalho. Diversas teorias já tiveram como base a literatura, ela consegue mostrar o ser humano e a cultura a qual vive de forma clara. Zigmunt Bauman (1925-2017) já nos mostra o quanto é importante estudar o homem através de livros.

“Eu, por exemplo, me lembro de ganhar de Tolstói, Balzac, Dickens, Dostoiévski, Kafka ou Thomas More muito mais insights sobre a substância das experiências humanas do que de centenas de relatórios de pesquisa sociológica. Acima de tudo, aprendi a não perguntar de onde uma determinada ideia vem, mas somente como ela ajuda a iluminar as respostas humanas à sua condição.” (BAUMAN e PALARES-BURKE. Entrevista. Tempo social, 2004, p.319)

Freud usou muito dessa técnica de se debruçar sobre a literatura para construir suas teorias, um exemplo foi na mitologia grega, onde retirou nomes que vieram à batizar algumas de suas criações. Escolhi Dostoiévski porque queria tentar compreender um pouco mais a alma humana. O livro *Memórias do Subsolo*(2019) me pareceu o mais apropriado para esse trabalho. “*É assim em seu romance Memórias do Subsolo, escrito em 1864, no qual busca destrinchar a alma humana, esfacelando-a em todas suas regiões.*” (EWALD, pag. 60).

A literatura serviu como gatilho para estudar Freud e tentar compreender o motivo pelo qual muitos de nossos comportamentos parecem não ter sentido. Ao saber que tem um inconsciente regendo o ser humano, voltei à literatura de Dostoiévski para conhecer de perto esse inconsciente.

REFÊRENCIAS

BAUMAN, Z., e PALLARES-BURKE, M. L. Entrevista. *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*, 16, n, p. 301-325, 2004.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Memórias do Subsolo**. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 32, 2017.

EWALD, Ariane Patrícia; SOARES, Jorge Coelho. Identidade e subjetividade numa era de incerteza. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal , v. 12,n. 1,p. 23-30, Apr. 2007. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2007000100003&lng=en&nrm=iso>. access on 12 Dec. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2007000100003>.

EWALD, Ariane Patrícia. **Subjetividade e literatura**. Rio de Janeiro: Nau, 2011.

FREUD, Sigmund. Obras completas, volume 2: **Estudos sobre a Histeria** (1893-1895), em coautoria com Josef Breuer: tradução Laura Barreto – 1 edição – São Paulo: Companhia das Letras, 2016

FREUD, Sigmund. Obras completas, volume 7: **O Chiste e sua Relação com o Inconsciente** (1905), Sigmund Freud; tradução Fernando Costa Mattos e Paulo César de Souza. – 1 edição – São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FRANK, Joseph. **Dostoévski: um escritor em seu tempo**: tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

GARCIA-ROSA, Luiz Alfredo. **Freud e o Inconsciente**. Rio de Janeiro. J Zahar, 2009.

GAY, Peter. **Freud: Uma Vida Para o Nosso Tempo**: tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

IANNINI, G. TAVARES, P.H. **Freud e o infamiliar [Das Unheimliche]**. In: Obras incompletas de Sigmund Freud. São Paulo: Autêntica, 2019.

NASIO, Juan-David. **O Prazer de ler Freud**: tradução, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1999.

NASIO, Juan-David. **Introdução as obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan**: tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

ROUDINESCO, E. ; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Sigmund Freud Na Sua Época e Em Nosso Tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

TURGUÊNIEV, Ivan. **Memórias de um Caçador**. São Paulo: Editora 34, 2017.

<https://drive.google.com/file/d/1h6ptVt0Tddc6FTGhK5zIkPfzy5Cb7jwh/view>.

Acesso em: 9, julho, 2019.

<https://drive.google.com/file/d/13bWUGhV6uaNaX8bn35RNn91KPrDZcNt6/view>

[w](https://drive.google.com/file/d/13bWUGhV6uaNaX8bn35RNn91KPrDZcNt6/view). Acesso em: 9, julho, 2019.

<https://drive.google.com/file/d/1qVpzGFOBcNRwGBTsV2rYY2EJ3DfD6jzr/view>.

Acesso em: 9 julho 2019.